

EXISTE RACISMO NA UNIVERSIDADE? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA

DIÔNVERA COELHO DA SILVA¹; ALINE ACCORSSI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – dionvera-coelho@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As universidades públicas e privadas passaram por diversas transformações as quais permitiram um maior acesso aos diferentes grupos da população brasileira (CORROCHANO, 2013). As mudanças no ingresso no ensino superior contemplaram a Lei de Cotas, Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, a qual obriga as universidades, institutos e centros federais a reservarem 50% das vagas oferecidas anualmente para candidatos cotistas, quais sejam: aqueles que cursaram os três anos do ensino médio em escola pública, EJA ou ENEM, negros, pardos e indígenas, entre as vagas separadas pelo critério de renda.(BRASIL, 2012). Dessa forma, as políticas afirmativas configuram um conjunto de ações políticas direcionadas ao ajuste de desigualdades raciais e sociais, que visam corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por uma estrutura social excludente e discriminatória. (LYRIO E GUIMARÃES, 2014).

A análise dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta desigualdades quanto a expansão educacional principalmente no que se refere ao critério racial. Contatou-se que entre os anos de 2001 e 2011 o percentual de negros no ensino superior passou de 10,2%, para 35,8%, enquanto que para jovens brancos passou de 39,6% para 65,7%. (GONÇALVES; AMBAR, 2015).

Observa-se que a população brasileira é composta majoritariamente por pretos e pardos. Contudo dentro dos espaços acadêmicos em geral continua predominantemente branco (GONÇALVES; AMBAR, 2015). Alguns pesquisadores como Bastos et.al., (2014) e Zunino et al., (2016) conduziram seus trabalhos com estudantes universitários e determinaram o fator raça interseccionando com gênero e classe como fatores relevantes para situações de adoecimento e discriminação. Assim, o presente trabalho pretende fazer um relato de experiência autobiográfico, como o objetivo de refletir sobre a condição de estudante cotista racial em uma universidade pública.

2. METODOLOGIA

Este estudo é exploratório de natureza qualitativa. Utilizamos o método autobiográfico como ponto articulador. Considerando a perspectiva de Josso, (2007, p.420):

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da

aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido.

A experiência aqui relatada ocorreu nos dois primeiros anos de um curso de graduação da área de humanas de uma universidade pública federal do Rio Grande do Sul, em 2016 e 2017. A partir de observações e anotações pessoais, procurou-se refletir sobre as vivências da primeira autora e relacionar com os estudos e obras de intelectuais negros da área que tratam dos efeitos psicossociais do racismo na saúde mental de pessoas não brancas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A melanina estava entranhada em nossa pele, somos as pretas/os, indígenas, quilombolas, juntos num só grupo, representávamos menos de 15% do total de alunos da turma que compunhamos e por meio de nossas lutas, conversas, lágrimas e alegrias, fomos nos constituindo dentro do espaço acadêmico, nos fortalecendo, nos tornando negras/os, indígenas e quilombolas, um processo doloroso, mas igualmente valioso e potencializador.

Nossa presença anunciava de que ser branco é impossível, rejeitávamos a ideia desumanizadora de ser o outro do outro. Para Souza, (1990) “Diante dessa impossibilidade de realizar o Ideal, a negra/o constata duas alternativas: sucumbir às punições do Superego ou lutar, lutar ainda mais, buscando encontrar novas saídas.” Uma delas, ocorre por meio da consciência da imagem alienada oriunda do processo ideológico que captura pessoas pretas/os que desconhecem a estrutura, portanto ser preta/o significa adquirir uma nova consciência que valide as diferenças e recuse qualquer forma de exploração. Logo “ser negra/o não é uma condição dada, é um vir a ser. Ser negra/o é tornar-se negra/o.” (SOUZA, 1990).

Neste tornar-se, entendemos que precisávamos lutar e buscar por nossa permanência na universidade, visto que ainda éramos poucos naquele espaço, neste sentido, fizemos parte das mobilizações que lutavam contra a aprovação da PEC 241 sobretudo porque elas culminariam em prejuízos na garantia de direitos básicos como saúde e educação, o qual nós éramos beneficiários dos programas de assistência estudantil e sabíamos da sua importância. Assim resolvemos participar de uma das mobilizações proposta pelo Diretório Central dos estudantes que uniu um número significativo de alunos, após a assembleia foi decidido que passaríamos por todos os prédios da Universidade, quando estávamos no corredor do prédio do nosso curso uma integrante do grupo, resolveu bater na porta da nossa sala de aula, e chamar uma colega que estava apresentando um trabalho e que era contrária as manifestações, ela gritou: “vem X, vem que tu é pobre”. Embora tenha sido engraçado não imaginávamos o quanto isso causaria uma repercussão negativa da turma ao nosso respeito. Muitos colegas nos chamaram de oressores, nos acusaram de querer holofotes, de sermos baderneiros, de termos desrespeitado a professora, ela ao contrário compreendeu a situação.

Referente aos estereótipos citados acima e conferidos a nós, Kilomba (2010) afirma que “partes cindidas da psique são projetadas para fora, criando o chamado “Outro” sempre como antagonista do “eu” (sef).” É como se o sujeito branco estivesse dividido em duas partes, e toma para si apenas a parte do ego considerada “boa”, acolhedora e benevolente, a parte “ma” é projetada sobre a/o

“Outra/o” como algo externo a si. Logo no mundo conceitual branco, o *sujeito negro* é identificado como o objeto “ruim”, aquele que carrega os tabus da sociedade branca como a agressividade e sexualidade, aquele que é ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável, desta forma a branquitude se considera como portadora da moral ideal, sendo decente, civilizada e generosa.

Diante do caos, de uma quantidade enorme de julgamentos, buscamos nos apoiar, nos fortalecer mutuamente, lembrando constantemente que estávamos lutando pela continuidade da universidade, pela nossa permanência naquele espaço, sabíamos que pela nossa condição de classe, raça e gênero seríamos os primeiros afetados com os cortes. Nossa colega publicou um pequeno desabafo na sua rede de relacionamento facebook, ela disse: ‘Por mais que a gente tentasse fugir iríamos nos aproximar, dividir esse momento de luta com vocês mostra que escolhi as pessoas certas para tornar essa caminhada de cinco anos menos árdua. Vai ter cotista militante sim! Pretos e indígenas em luta pela educação, tá ruim p quem?! Você que se encolhe minha luta também te acolhe’.

Quando ela diz minha luta também te acolhe ela está falando de interseccionalidade, pois sua luta abrange todas e todos, e que não se direciona apenas para a superação de problemas específicos. A caminhada torna-se menos árdua quando ela se vê amparada por colegas e amigos que possuem empatia por suas dificuldades e que aceitam caminhar juntos na busca de justiça social. Neste sentido, salientamos a importância do amor na vida de pessoas negras para enfrentar o genocídio do povo negro, e romper com as estruturas sociais destrutivas, pois o amor instiga a esperança, o amor cura. (bell hooks, 2000).

Seguindo nesse mesmo viés, onde o amor é tido como fundamental nas relações entre as pessoas, Paulo Freire, considera o diálogo com seus pares como importantes para superar as frustrações e para o seu crescimento.

“[...] aprendeu a dialogar na ‘roda de amigos’ [...] foi um espaço-tempo de aprendizagem, de dificuldades e de alegrias vividas intensamente, que lhe ensinaram a harmonizar o equilíbrio entre o ter e o não-ter, o ser e não-ser, o poder e não-poder, o querer e não-querer” (Ana Maria Araújo Freire In: FREIRE, 1999, p. 222).

A forma como se estabeleceu a solidariedade, o auto-cuidado entre as pessoas que estavam no grupo não teria sido possível se não fosse um amor disposto a enfrentar todos os medos e desafios de um ambiente acadêmico hostil.

4. CONCLUSÕES

Salienta-se a importância da visibilização das dificuldades vivenciadas pelos estudantes cotistas nas universidades públicas, a fim de promover a busca por um ambiente minimamente receptivo às diferenças. Os estudos que expressam as trajetórias vividas pelas/os estudantes são significativos, pois demonstram linhas de resistência, de busca e reconhecimento do outro como forma de libertação do medo, da discriminação e da desesperança. Assim, luta, envolvimento e amor se entrelaçam para construir novos espaços em que todas as existências sejam respeitadas e aceitas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, J.L.; BARROS, A.J.; CELESTE, R.K.; PARADIES, Y.; FAERSTEIN, E. Age, class and race discrimination: their interactions and associations with mental

health among Brazilian university students. **Cad Saúde Pública.** v. 30, n.1, p.175-86. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Superior - Entenda as cotas para quem estudou todo o ensino médio em escolas públicas.** 2012. Acessado em 10 set. 2019. Online. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>.

CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba. v. 18, n. 1, p.23-44. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido** (notas: Ana Maria Araújo Freire). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 6. ed. 1999.

GONÇALVES, R; AMBAR, G. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.19 n.34, p.202-213, 2015.

hooks, b. **Vivendo de amor.** 2000. Acessado em 30 ago. 2019. Online. Disponível em:<http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: **Educação**. Porto Alegre, v. 63, n. 3, p. 413-438. 2007.

KILOMBA, G. "The Mask". In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

LYRIO, B. C. D. C. S.; GUIMARÃES, R. D. S. Porque para o negro sim! As cotas raciais como política de ação afirmativa nas universidades e nas instituições públicas: a defesa de um espaço. **O Social em Questão - Ano XVII**. v.32, p.75-100. 2014.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal. 2 ed. 1990.

ZUNINO, L. M. R.; BASTOS, J. L. D.; COELHO, I. Z.; MASSIGNAM, F. M. A Discriminação No Ambiente Universitário: Quem, Onde E Por Quê?. **Sau. & Transf. Soc.**, Florianópolis, v.6, n.1, p.013-30, 2016.